

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

A RESPONSABILIDADE DAS HUMANIDADES*

Graça Capinha

Há uns anos, lembro-me de termos num seminário do CES uma jurista, professora numa universidade espanhola, que tinha sido nomeada para uma comissão de ética de nível europeu e nos vinha falar dos horrores praticados por alguns laboratórios farmacêuticos sob investigação. Por as leis serem ainda omissas em relação a questões já então levantadas pelos avanços da novíssima ciência, estes laboratórios permaneciam inimputáveis apesar de, eticamente, os seus crimes serem uma evidência. Achava ela que as Humanidades seriam o último reduto para resistir à nossa desumanidade.

Numa espécie de fantasmagoria, essa desumanidade parece erguer-se de um pensamento abissal que vê “o real” como a única possibilidade e o limite último para o que existe. Essa fantasmagoria, que se nos impõe como se de um membro amputado se tratasse, é a da própria linguagem enquanto construção do pensamento, esse artifício, tão naturalizado, que nos esquecemos demasiadas vezes de que é apenas isso: um artifício – e um artifício que emerge do poder e no poder se consubstancia.

Lendo e ouvindo quotidianamente as notícias sobre a pandemia que vivemos, a desumanidade desse artifício torna-se uma evidência. Pelo meio dos números de mortos e infectados, entram, se não ao mesmo nível até como pior calamidade, os números do dinheiro. Pelo meio dos números dos caixões alinhados e dos profissionais de saúde (alguns já mortos ou infectados) a suplicar por ventiladores ou máscaras, entram, se não ao mesmo nível até como pior calamidade, os números das empresas e das falências. Pelo meio dos números dos refugiados e das caras reveladas a estender a mão para comer, entram, se não ao mesmo nível até como pior calamidade, os discursos dos políticos preocupados com uma economia parada, o desemprego, a crise do petróleo. Que os dois lados se encontram intimamente in-

terligados não temos dúvidas, mas não seria eticamente mais correcto, digamos, mais humano, usar uma linguagem que deixasse claro que eles não significam o mesmo e que, muito menos, se equivalem?

Que podem as Humanidades – talvez o espaço em que a dor do membro amputado ainda se sente – fazer para acabar com a omissão das leis sobre estes crimes, na linguagem e não só, e/ou para transformar a terrível evidência de toda a nossa desumanidade? E, no meio de tudo isto, fazer-nos perceber que aquilo a que chamamos “o real”, essa construção na linguagem, nos dá apenas conta dos 4,5% da matéria visível no imenso universo que a nossa ciência consegue vislumbrar?!...

Talvez a grande responsabilidade das Humanidades, tal como alguns poetas querem para a Poesia (etimologicamente, o fazer primeiro que é o da linguagem), seja a de manter a capacidade de continuar a questionar. A questionar, talvez de forma anti-humanista, se as nossas palavras não devem antes adequar-se a um humanismo mais verdadeiro? A um humanismo que verdadeiramente possa situar-nos numa ponta distante de uma remota galáxia que ainda conseguimos ver? Se esta forma de nos organizarmos globalmente (ou *globalizadamente*) para viver as nossas tão frágeis e pequenas vidas é a que mais se adequa à tão insignificante, mas tão extraordinária, existência da nossa humanidade? A questionar se não nos é legítimo imaginar e/ou construir, na linguagem e não só, outras formas de organização?

Sim, terá de ser essa dissidência cognitiva a responsabilidade das Humanidades. Talvez com ela seja ainda possível ganhar outra dignidade para a vida. E para a morte.

* Por vontade da autora, este texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.